

## 5. Conclusão

Na fase final de sua carreira, como é notório, Jackson Pollock não conseguiu sustentar o brilho intenso de suas obras clássicas, ainda que tenha realizado os excelentes *Blue Poles* (1952), *Convergence* (1952), *Easter and the Totem* (1953) e *The Deep* (1953).<sup>140</sup> Todos igualmente potentes e com a força de invenção que o caracterizava mas nitidamente, sem continuidade. As obras dos últimos anos passam talvez a sensação de uma nova busca, que acabou por não se concretizar. *Blue Poles* e *Convergence* caracterizam-se pela retomada dos *drippings*. *Blue Poles*, mais intenso, curiosamente deixa à mostra esses mastros azuis e verticais que me fazem lembrar as vigas dos esquemas de Benton. Em *Easter and the Totem*, Pollock revive aquela relação de força e delicadeza das obras-primas. Relê Matisse nessa pintura com um óleo tão fluido e fino, que mais parece uma aquarela com seus vapores de tinta. *The Deep* impressiona pela originalidade latente, não saberíamos dizer, entretanto, se propiciaria uma continuidade. Por certo, ela se dirigia a algum novo lugar.

Como palavras finais, apresento algumas outras possíveis leituras para a obra de Pollock, questões que surgiram ao longo da pesquisa e que não couberam no escopo do trabalho. Permanecem em aberto para reflexão.

Acredito (como muitos outros, aliás) haver uma relação, para além da grade cubista, entre Pollock e Mondrian. À parte a geometria racionalista do pintor holandês, há entre eles uma sensibilidade pictórica que me parece muito próxima.<sup>141</sup> A consciência de espaço ligada ao ritmo e ao equilíbrio na pintura provocam o mesmo assombro de beleza. Que, a meu ver, deve muito a Cézanne, que ainda ressoa neles.

Também optei por não seguir uma linha de investigação crítica, sugerida pelo excelente *The American Action Painters*, de Harold Rosenberg. É sabido que o texto de Rosenberg disponibilizou um campo enorme de significados. Entre outros, possibilitou a leitura do movimento corporal Pollock, nos *drippings*, como

---

<sup>140</sup> Ver figs. 59-61, p. 84.

<sup>141</sup> Ver final nota 85.

uma nova abordagem para a arte, sem fronteiras, para além dos limites da pintura, inspirando os *happenings*, que começavam a tomar conta da cena de Nova Iorque, na metade da década de 50.<sup>142</sup>

A emergência da pintura norte-americana, trouxe um sopro de vitalidade à cena cultural, a partir da segunda metade da década de 40, quando Nova Iorque assume o lugar de capital da vanguarda artística. Uma outra linha de investigação tentadora é a relação que se pode fazer entre a pintura de ação norte-americana que se firmava, o jazz, mais explicitamente o bebop, com a proliferação de ritmos complexos, e o boxe pela destreza, força e inteligência.

A questão mais espinhosa para a nossa dissertação foi o estudo do espaço em Pollock. É possível falar de uma superação do racionalismo cubista? Espaço aberto, ativo, disponibilizador de novas aventuras. O espaço em Pollock era concebido como uma relação topológica – do interior com o exterior. Ele irrompia o espaço com uma força titânica e conquistava o exterior, e dele se apropriava livremente. Num amálgama, indistintos, artista, suporte e espaço transmudam-se numa realidade una, integral, completa – não mais sujeito e objeto – Pollock criara uma nova dimensão.

---

<sup>142</sup> Neste sentido, ler *The Legacy of Jackson Pollock*, de Allan Kaprow.